

A influência da cultura sobre as representações sociais

The influence of culture on social representations

Felipe da Silva Triani

Mestre em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO
Docente na Faculdade Gama e Souza - felipetriani@gmail.com

Carine Camara Bizerra

camara.carine@gmail.com - Mestre em Letras e Ciências Humanas - UNIGRANRIO

Cristina Novikoff

Pós-doutora em Educação – FEBF/UERJ
Assessora de Pesquisa da Universidade Federal de Campina Grande -
cristinanovikoff@gmail.com - UFCG

Resumo

O presente artigo trata da contribuição do conceito de cultura para a compreensão da Teoria das Representações Sociais. Parte-se da ideia de que, entendendo cultura como abstração transmissora de referências simbólicas, é possível estabelecer um movimento interdisciplinar entre esta e as representações sociais, visto que as representações sociais são produto e processo da construção do homem e, portanto, não podem ser estudadas fora da cultura em que foram geradas. Neste sentido, questiona-se: qual é a contribuição do conceito de cultura para a compreensão da Teoria das Representações Sociais? Para dar conta deste questionamento, tomamos como estrutura basilar os estudos de Claude Lévi-Strauss, Clifford Geertz e Norbert Elias, em relação à cultura, e os estudos de Serge Moscovici, Denise Jodelet e Novikoff, para tratar o conceito da Teoria das Representações Sociais. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, este artigo de finalidade teórica, teve como objetivo entender o valor do conceito de cultura para a compreensão da Teoria das Representações Sociais. Para tanto, inicialmente, sistematizamos o conceito de cultura sob a perspectiva sociológica e antropológica, em seguida, apresentamos a Teoria das Representações Sociais, por fim, discutimos o lugar da cultura na psicologia social. Os resultados confirmam a ideia inicial, visto que os conceitos de cultura tratados fazem um movimento interdisciplinar em relação às representações sociais, pois a representação através das produções humanas elaboradas ativamente e integradas passivamente, dependem das referências simbólicas instituídas pelo ambiente que geram uma teia de significados interpretáveis. Logo, não tem como estudar as representações sociais fora da cultura em que nela foram geradas.

Palavras-Chave: Cultura. Representações Sociais. Teoria das Representações Sociais.

Abstract

This article deals with the contribution of the culture concept for understanding the theory of social representations. It starts with the idea that understanding culture as transmitting abstraction symbolic references, you can establish an interdisciplinary movement between it and the social representations, as social representations are product and process of man construction and therefore cannot be studied outside the culture in which they were generated. In this sense, the question is: what is the contribution of the culture concept for understanding the theory of social representations? To account for this question, we take as a basic structure studies of Claude Lévi-Strauss, Clifford Geertz and Norbert Elias, in relation to culture, and studies of Moscovici, Jodelet and Novikoff, to address the concept of the Theory of Social Representations. Through a literature review, this article theoretical purpose, aimed to understand the value of the concept of culture in understanding the theory of social representations. Therefore, initially we systematize the concept of culture from a sociological and anthropological perspective, then present the Theory of Social Representations, finally, we discuss the role of culture in social psychology. The results confirm the initial idea, since the treated culture concepts are an interdisciplinary movement in relation to social representations, as the representation through human productions actively developed and integrated passively rely on references symbolic imposed by the environment which generate a web interpretable meanings. Therefore, there is no way to study the social representations outside the culture in which it was generated.

Keywords: Culture. Social Representations. Theory of Social Representations.

I ntrodução

O conceito de cultura, na perspectiva sociológica e antropológica, pode ser entendido como abstração transmissora de referências simbólicas. Nesse sentido, esse artigo busca estabelecer um movimento interdisciplinar entre a cultura e as representações sociais que dela emergem.

Levando em conta que as representações sociais são produto e processo da construção do homem e que, a partir do trabalho de Serge Moscovici (2012), surge o interesse no pensamento constituído nas relações sociais, este artigo tem como ponto inicial uma inquietação relacionada à cultura e às representações sociais, buscando entender a contribuição da cultura na compreensão das representações sociais.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, este artigo de finalidade teórica, toma como base os estudos de Claude Lévi-Strauss (1976), Clifford Geertz (1989) e Norbert Elias (1994), em relação à cultura, e os estudos de Moscovici (1984, 2012), Jodelet (2009, 2011) e Novikoff (2010), para tratar o conceito da Teoria das Representações Sociais.

Inicialmente, o conceito de cultura foi sistematizado sob a perspectiva sociológica e antropológica. Em seguida, é apresentada a Teoria das Representações Sociais e, por fim, elege-se como objetivo compreender o conceito de cultura e a sua influência na elaboração das representações sociais.

A sistematização do conceito de cultura

Esse texto se desenvolve a partir da sistematização do conceito de cultura sob a perspectiva sociológica e antropológica para em seguida discutir o lugar da cultura na psicologia social, em especial, na elaboração das representações sociais de Serge Moscovici (2012).

A sistematização se inicia a partir das obras de Lévi-Strauss (1976), Geertz (1989) e Elias (1994), na tentativa de realizar o conceito de cultura presente nessas obras. Já a discussão se faz na apresentação da importância da cultura na configuração das representações sociais, segundo Moscovici (1979, 2003, 2012).

Claude Lévi-Strauss (1908-2009) trabalha o conceito de cultura na perspectiva da antropologia com abordagem estrutural. O antropólogo francês (1976) argumenta que desde a concepção, o homem encontra um sistema simbólico que se acumula na mente humana. Noutras palavras, o ambiente com seu sistema simbólico institui cuidadosamente de maneira consciente e inconsciente, na mente humana, juízos de valor, motivações, centros de interesses e a visão reflexiva sobre a educação, ou seja, um sistema complexo de referências que sem elas a civilização se tornaria impensável.

Lévi-Strauss afirma ainda que a evolução cultural ocorre através do acúmulo de informação significativa. Nessa perspectiva, é possível compreender a cultura como um sistema de referências simbólicas acumulativas inseridas no homem.

O antropólogo estadunidense, Clifford Geertz (1926-2006) compreende o conceito de cultura sob uma abordagem interpretativa e simbólica. Entretanto, a cultura aparece como conceito semiótico a partir da apropriação da máxima de Max Weber de que o homem é um animal amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu. Com essa ideia, Geertz (1989) descreve a sua compreensão de cultura como sendo as teias de significados tecidas pelo homem e sua análise, a partir de uma ciência interpretativa, que deve estar voltada à procura do significado.

Na perspectiva da sociologia, encontra-se Norbet Elias (1994) em “O processo Civilizatório” que delineia um conceito de cultura a partir de uma análise semelhante a do antropólogo Edward Tylor que inaugura o termo “cultura” em 1872 em uma síntese dos termos *Kultur* e *Civilization*. Porém, o que Elias desenvolve é um contraponto entre cultura e civilização, demonstrando uma relação excludente entre esses conceitos. O autor analisa o processo civilizatório do povo alemão, especificamente a burguesia vivenciada por ele, e onde se fazia a defesa de um conceito de cultura associado à ideia de virtude versus o conceito de civilização que significava cortesia extrema e enganadora.

Dessa experiência vivenciada pelo sociólogo alemão, emerge o conceito de cultura associado à dimensão intelectual e abstrata. Assim, a cultura em Elias (1994) era aquela produzida por uma sociedade de amor à natureza e à liberdade, exaltação solitária e rendição às emoções. Sendo assim, engloba toda produção humana concernente à obra de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos que expressam a individualidade de um povo virtuoso.

A partir dos conceitos dos autores, é possível desenvolver um quadro para ilustração, conforme abaixo:

| Obra | Conceito |
|----------------------------|--|
| Claude Lévi-Strauss (1976) | Cultura é um sistema de referências simbólicas acumulativas inseridas no homem. |
| Clifford Geertz (1989) | Cultura é um conjunto complexo de teias de significados tecidas pelo homem e sua análise, a partir de uma ciência interpretativa, à procura do significado. |
| Norbert Elias (1994) | Cultura é toda a produção humana concernente à obra de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos que expressam a individualidade de um povo virtuoso. |

QUADRO 1: O conceito de cultura de acordo com a obra.

Observa-se que os conceitos convergem para a ideia de cultura como abstração transmissora de referências simbólicas. Nesse sentido, é possível argumentar que a contextualização da cultura deve estar presente em qualquer estudo de abordagem psicossocial. Assim, no próximo tópico, trataremos o conceito da Teoria das Representações Sociais, a fim de compreender a influência da cultura na formação das representações sociais.

A Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais (TRS) é originada na Europa, mais especificamente na França, em 1961 com a publicação de *La Psychanalyse: son image et son public*, de Serge Moscovici, que pode ser considerada uma forma sociológica da Psicologia Social. Vale mencionar que é a partir desse trabalho, que surge o interesse no pensamento constituído nas relações sociais.

Jodelet classifica a obra que deu origem a TRS de Moscovici como fecunda, visto que, a partir dessa, é possível extrair “um grande potencial de intuições, de descobertas, de orientações teóricas e empíricas, algumas das quais tiveram um desenvolvimento considerável nos trabalhos posteriores de Moscovici ou em autores que nele se inspiraram” (JODELET, 2011, p. 199). A autora ainda acrescenta que, nesta obra, Moscovici foi além da descoberta e elaboração de um novo conceito, que “forneceu uma nova teoria, a Psicologia Social” e introduziu “o que se pode chamar de uma nova disciplina, a Psicologia Social do Conhecimento” (idem, p. 203).

Segundo Palmonari e Cerrato (2011, p. 308) a Psicologia Social “pode ser considerada uma ciência social, cujo objeto será o estudo das relações cotidianas que se produzem na realidade social, dos fenômenos relacionados à comunicação e à ideologia”. Em outras palavras, é possível compreender que ela é uma ciência autônoma. A Psicologia Social é, portanto, o estudo do conhecimento, das representações elaboradas socialmente ou intersubjetivamente, que se nutre de saberes do senso comum.

Segundo Jodelet (2009) a esfera de intersubjetividade

[...] remete às situações que, em um dado contexto, contribuem para o estabelecimento de representações elaboradas na interação entre os sujeitos, apontando em particular as elaborações negociadas e estabelecidas em comum pela comunicação verbal direta. São numerosos os casos que ilustram o papel da troca dialógica de que resultam a transmissão de informação, a construção de saber, a expressão de acordos ou de divergências a propósito de objetos de interesse comum, a interpretação de temas pertinentes para a vida dos participantes em interação, a possibilidade de criação de significações ou de ressignificações consensuais. (JODELET, 2009, p. 698)

Calcado, ainda, nas pontuações de Palmonari e Cerrato (2011, p. 308), acredita-se que no processo de interação com os outros se desenvolvem

[...] pensamentos, sentimentos e motivações humanas: a Psicologia Social, como tal, deve superar a oposição entre o nível de análise individual (tradicionalmente considerado como próprio da Psicologia) e o nível de análise centrado na sociedade (característica própria da Antropologia, Sociologia e Economia)

Diante desse cenário, busca-se compreender o conceito de representações individuais e representações coletivas, visto que, é na inquietação acerca dessa dicotomia que Moscovici iniciou seus estudos sobre as representações sociais.

Sandra Jovchelovitch (1995, p. 63) explica que a teoria das RS,

[...] nasceu – e cresceu – sob a égide de interrogações radicais, que repõe contradições e dilemas que ainda hoje precisamos responder. Talvez a principal dessas contradições seja a relação indivíduo-sociedade e como esta relação se constrói. Se de um lado sofremos os equívocos de uma compreensão demasiado individualizante, psicologista nos seus parâmetros de compreensão da subjetividade, por outro, muitas vezes as tentativas de introduzir conceitos sociológicos à Psicologia Social sucumbiram à tentação maniqueísta do inverso. Assim, ou ficávamos no individual fechado no âmbito de um Eu abstraído do mundo que o constrói, ou travávamos a sociedade e a história como abstração. Uma sociedade sem sujeitos ou sujeitos sem uma história social são parte de problemas que todos nós conhecemos muito bem – e recuperar essa conexão é uma das tarefas cruciais que temos pela frente.

Partindo da inquietude a respeito do conceito de representações individuais e coletivas, enfatizados, respectivamente, por Freud e Durkheim, “a perspectiva de Moscovici responde a um imperativo epistemológico: superar a dicotomia entre as abordagens sociológicas e psicológicas do comportamento humano” (JODELET, 2011, p. 203), dentro da perspectiva da Psicologia Social.

Seguindo esse olhar, pode-se afirmar que a Teoria das Representações Sociais oferece caminhos para o estudo dos fenômenos sociais e psicossociais reconhecendo o homem como agente nas relações sociais, acreditando na natureza social e histórica das ciências, atribuindo à ação humana e à natureza dialética da realidade social a importância merecida. Os estudos baseados na TRS buscam a natureza social do conhecimento científico. Para Moscovici, as representações seriam de natureza tanto prática quanto simbólica, dependendo desta inserção, diferenciando-se, assim, dos conceitos elaborados por Durkheim e Freud, já que essa teoria possui um caráter dinâmico e interdisciplinar. Noutras palavras, Moscovici procura relacionar interações sociais, processos simbólicos e condutas. Os processos simbólicos são aqui entendidos como um sistema que inclui cultura, representações, modelos, valores, etc. (SCOTT, 2001).

O conceito de representações sociais, como foi apresentado por Moscovici inicialmente, criticava as dicotomias dentro do cenário da Psicologia. Palmonari e Cerrato (2001, p. 313) afirmam que o autor da TRS “criticava as dicotomias tradicionais sujeito/objeto, teoria/método, individual/social, postulando que as características da sociedade constituem a base dos fenômenos psicossociais e lhes dá significado”.

De acordo com Moscovici, toda representação é uma representação de alguma coisa e mesmo o pesquisador tem representações. Jodelet (2001, p. 22) apresenta uma definição de representações sociais bastante aceita entre os teóricos:

[...] é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designado como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, essa forma de conhecimento é diferenciada entre outras do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais.

Logo, as Representações Sociais são saberes do senso comum, construídos nas relações entre os indivíduos, sendo essa construção dependente do grupo social em que ela emerge. Nesse sentido, implica dizer que as representações nascem dentro de uma determinada cultura e sendo essas representações sempre sobre alguma coisa, como aponta Moscovici (JODELET, 2001) essa coisa também pode não ser a mesma em diferentes grupos culturais, algo que possivelmente implica a construção de uma representação social.

Jodelet (2001) afirma ainda ser válido pensar na representação social como uma forma de saber que liga um sujeito a um objeto, ou seja, é sempre uma interação entre representação social de um objeto e de um sujeito. Como explica Moscovici, “toda representação social é de alguém tanto quanto de alguma coisa. É uma forma de conhecimento por meio da qual aquele que conhece se substitui no que é conhecido” (MOSCOVICI, 1969, *apud* JODELET, 2001, p.11).

É necessário mencionar que os aspectos cognitivos das representações estão subordinados aos processos de comunicação e aos processos de linguagem. Jodelet (2011, p. 216) explica que o papel da comunicação está na origem das representações e tem uma relação dupla: “as representações se forjam na comunicação e as representações tinham como finalidade orientar a comunicação”. Nesse sentido, a comunicação é um produto das representações sociais que por sua vez possui um poder pragmático.

As representações sociais, assim entendidas, como conhecimento do sujeito sobre mundo, coisas, o outro, a ciência e etc., são comunicadas de modo singular e com a função de tornar o não-familiar em algo familiar.

Abordagem Processual da Teoria das Representações Sociais: os processos de ancoragem e objetivação

As representações sociais não são processamento de informações, mas produto e processo da construção do homem. São apresentados dois processos sociocognitivos construtores das representações sociais: a ancoragem e a objetivação. Aqui, descreve-se, inicialmente, a abordagem processual, seguida da abordagem processual.

Por outro lado, as representações sociais são entendidas como manifestações do pensamento social e dessa forma são produzidas coletiva e historicamente. Elas dão

sentido aos modos de vida e garantem, portanto, a identidade e a permanência de um grupo social.

Abric (2003) apresenta uma abordagem estrutural da Teoria das Representações Sociais, desenvolvendo a Teoria do Núcleo Central. Entretanto, aqui é apresentada uma abordagem processual, a fim de compreender os processos de ancoragem e objetivação e relacioná-los ao conceito de cultura.

Novikoff (2010, p. 87) assinala a necessidade de compreender o sentido de sujeito e sociedade para que haja o entendimento das representações sociais. Apoiada nas palavras de Castoriadis, a autora afirma que

[...] toda sociedade é um sistema de interpretação do mundo: e, ainda aqui, o termo “interpretação” é medíocre e impróprio. Toda sociedade é uma construção, uma constituição, uma criação de um mundo, de seu próprio mundo. Sua própria identidade nada mais é que esse “sistema de interpretação”, esse mundo que ela cria. É por isso que (da mesma forma que qualquer indivíduo) ela percebe como um perigo mortal qualquer ataque a esse sistema de interpretação; ela o percebe como um ataque a esse sistema de interpretação; ela o percebe como um ataque contra sua identidade, contra ela mesma (CASTORIADIS *apud* NOVIKOFF, 2006, p. 87).

A partir da citação acima é possível afirmar que as representações sociais só são sociais porque são instituídas e compartilhadas pelo coletivo, encontram-se na sociedade e esta última, por sua vez, está em constante mutação.

Seguindo este olhar, é necessário mencionar que o sujeito não é um ser isolado, mas uma entidade social. Nas palavras de Jodelet, o estudo das representações sociais deve se dar por meio das articulações de elementos “afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e à realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm” (JODELET, 1989, p. 41).

Tomando como ponto de partida a função de organizar e manter a ordem social e, ao entender as representações sociais como práxis, acredita-se que o seu estudo não se dá mais como interpretação de conteúdos, mas como processo. Sob esse ponto de vista, dois processos estão envolvidos na elaboração de uma representação social, segundo Moscovici (2010) são postulados: ancoragem e objetivação.

Concebida como um processo intra-individual, a ancoragem, que se relaciona à inserção do estranho no pensamento já constituído, é definida por Moscovici (2010, p. 61) como:

[...] um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos se apropriada. É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social. [...] Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa.

A ancoragem é entendida como processo que configura sentido, torna o não familiar em familiar e organiza as relações sociais, e é um processo simultâneo a objetivação. Nas palavras de Novikoff (2010, p. 93),

[...] como processo de configuração de sentido, está relacionada com a rede de significações externas que incidem sobre as relações estabelecidas entre os diferentes elementos da representação, considerando que os conteúdos de uma representação estão vinculados à significação de um dado objeto, fato, fenômeno ou ideia, associados a determinados grupos sociais. Daí dizer que um mesmo objeto é percebido por diferentes perspectivas, encarnando diferentes valores, dependendo do contexto histórico-social e cultura dos indivíduos.

Enquanto ancorar é o processo que permite familiarizar com o pensamento implícito, a objetivação significa materializar as significações. É a cristalização de uma representação social que nos remete a esse último processo.

Nesse sentido, a objetivação é o processo no qual as “noções abstratas se tornam concretas” (SPINK, 1993, p. 306), formando imagens e tornando-a quase tangível. Este processo, por sua vez, implica três etapas: inicialmente, a descontextualização da informação pelo viés dos critérios normativos e culturais; em seguida, pela formação de um esboço que reproduz de maneira figurativa uma estrutura conceitual. A última etapa é a naturalização, momento em que as imagens são transformadas em elementos da realidade.

Os estudos de Jodelet (2001) enfatizam os processos de ancoragem e objetivação. Segundo esta estudiosa, este último sinaliza formas para a realização de interpretação da realidade, o que proporciona a construção de valores, necessidades e interesses de um mesmo grupo.

A objetivação, neste contexto, pode ser entendida como a “construção formal do conhecimento que orienta as percepções e os julgamentos do indivíduo em uma realidade socialmente construída” (NOVIKOFF, 2010, p. 92). Este processo, por sua vez, mantém uma relação dialética com o processo de ancoragem.

Pode-se concluir, portanto, que as representações sociais não podem ser reduzidas apenas ao cognitivo, já que são estruturas cognitivo-afetivas vistas como formas de conhecimento prático.

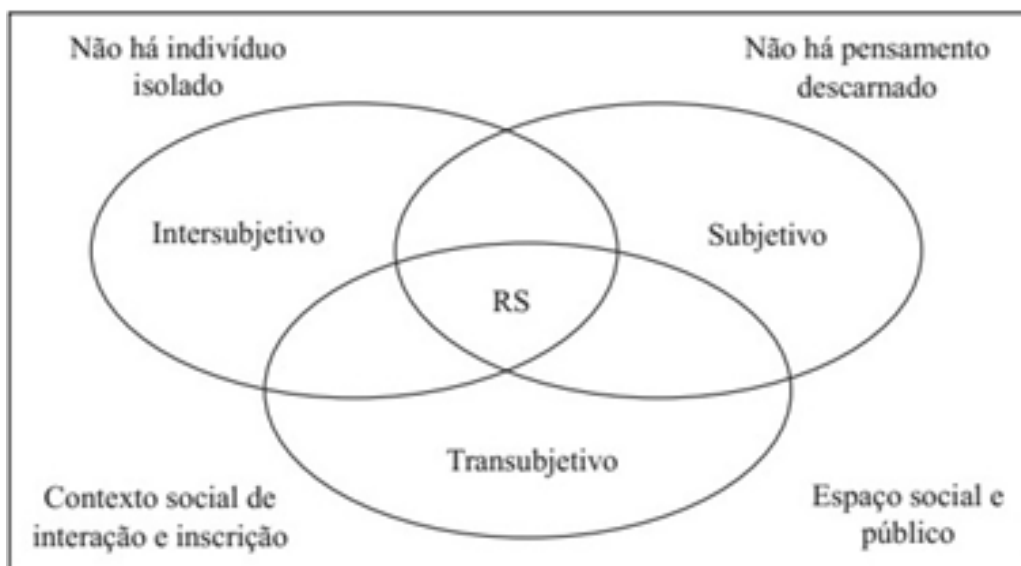
Metodologia

A elaboração da presente pesquisa, para atingir os objetivos estabelecidos, adotou uma pesquisa do tipo qualitativa de cunho bibliográfico, tomando como estrutura basilar as Dimensões da pesquisa científica proposta por Novikoff (2010) que se caracteriza em cinco fases, a saber: epistemológica, na qual é discutido o objeto de pesquisa, sua problematização, bem como o objetivo; teórica, dimensão que aduz os conceitos utilizados para fundamentar toda argumentação; técnica, com apresentação dos métodos utilizados para atingir o objetivo; morfológica, dimensão que discute os resultados iniciais; analítico-conclusiva, a qual faz referência à discussão dos resultados com os conceitos de fundamentação bibliográfica e as considerações finais.

Dentro dessa perspectiva, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de aduzir alguns conceitos de cultura. Em seguida, uma nova investigação foi realizada, a fim de fazer entender o que se compreende por Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1961). A partir da identificação dos conceitos, coube aqui uma articulação entre eles, com o objetivo de compreender a contribuição da cultura para o entendimento do sentido das representações sociais.

A Influência da Cultura na Elaboração das Representações Sociais

Diante dos conceitos supracitados, torna-se cabível e justificável que a compreensão da cultura seja intrínseca ao estudo das representações sociais (MOSCOVICI, 2012) que tem como objetivo transformar tudo aquilo que não é familiar em algo familiar e esse processo é impensável do lado de fora da cultura – da linguagem. Neste sentido, Denise Jodelet (2009) propõe as esferas de pertença das representações sociais:



Esquema 1: As Esferas de Pertença das Representações Sociais

As representações sociais estão relacionadas a três esferas de pertença: à subjetividade, à intersubjetividade e à transubjetividade. De acordo com a teoria das representações sociais, toda representação social é relacionada a um objeto e a um sujeito, isso implica a interpretação da cultura em Lévi-Strauss (1976), pois se o objeto da representação social não é familiar ele não tem significado, talvez por não pertencer à cultura do sujeito da representação social; implica dizer então que a representação social depende da cultura em que se insere.

Cabe ressaltar, como ilustra os ângulos do esquema de Jodelet (2009) que os sujeitos não devem ser concebidos como indivíduos isolados, mas como atores sociais ativos, que são afetados por diferentes aspectos da vida cotidiana, que se desenvolvem em um contexto social de interação, de forma até mesmo acumulativa, (LÉVI-STRAUSS, 1976) e de inscrição, que se desenvolve em rede (GEERTZ, 1989) de interações com os outros, por meio da comunicação, segundo o modelo de Moscovici (1984):

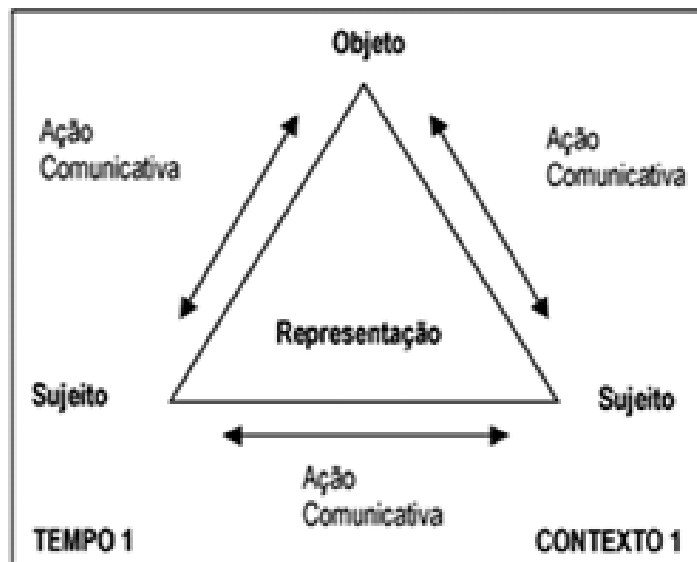


Figura 1: Os elementos Constituintes e o Modo de Produção da Representação

Por outro lado, a pertença social definida em vários níveis: do lugar e posição das estruturas sociais e, da inserção nos grupos sociais e culturais que definem a identidade, como exemplo a nobreza e a burguesia em Elias.

Todos esses processos influenciam na elaboração que os sujeitos fazem das representações sociais ativamente e das que ele integra passivamente, pois todos os conceitos de cultura aqui tratados fazem um movimento interdisciplinar (POMBO, 2005) em relação às representações sociais, pois essas, por meio das produções humanas, (ELIAS, 1994) são elaboradas ativamente e integradas passivamente, conforme as referências simbólicas instituídas pelo ambiente (LEVI, 1976) que geram uma teia de significados interpretáveis (GEERTZ, 1989). Logo, é fundamental estudar as representações sociais dentro da cultura em que nela foram geradas.

Considerações Finais

Ao compreender o conceito de cultura como teias de significado tecidas pelo homem (GEERTZ, 1989), é possível dizer que ele é produto e processo da cultura, logo um ser cultural, sendo assim, não é possível pensar o homem fora da cultura.

A Teoria das Representações Sociais tem se mostrado como um excelente instrumento teórico-metodológico de pesquisa para compreender as representações que os sujeitos sociais possuem sobre alguma coisa. Nesse sentido, a compreensão da

cultura em que o sujeito da representação social se insere se torna intrinsecamente necessária para entender o sentido das representações sociais elaboradas sobre um determinado objeto.

Assim, conforme a definição de cultura em Geertz (1989) ao afirmar que o sujeito está amarrado em teia de significados por ele construída, é possível argumentar que a cultura pode implicar a forma como os sujeitos reagem frente às representações sociais, sendo passivamente ou ativamente. A primeira, quando o objeto ora representado é significado integrante de sua cultura; já a segunda, quando a representação social sobre algo é questionada pelo fato do objeto representado não fazer parte da cultura do sujeito, e assim ela é reelaborada ativamente. Contudo, cabe ressaltar que os objetos integrantes da cultura do sujeito da representação social também podem sofrer mudanças em função de novas demandas sociais, características de ampla rede de comunicação entre diferentes grupos.

Portanto, pode-se dizer que as representações sociais variam de acordo com os grupos culturais e ainda que mesmo sendo parte integrante do mesmo grupo, o homem, como sujeito social que é, pode possuir representações sociais diferentes de um outro sujeito do mesmo grupo cultural, algo que demonstra a possibilidade de dicotomia entre representações coletivas e individuais, caracterizando assim o processo dinâmico das representações sociais como o fato de ser produto e processo das relações sociais influenciadas pela cultura de pertença.

Referências

ABRIC, J. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de. (Org.). *Estudos interdisciplinares de representações sociais*. Traduzido por: Pedro Humberto Faria Campos. Goiânia: AB, 1998.

_____. *A organização das representações sociais: sistema central e sistema periférico*. Trad. Angela M. O de Almeida, com a colaboração de Adriana Gionani e Diana Lúcia Moura Pinho. Do original: J. C. Abric. L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In: C. H. Guimelli. Structures et transformations des représentations sociales. Lausanne: Delachaux et Niestlé. p. 73-84, 1994.

CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto V: feito e a ser feito*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ELIAS, N. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, v I.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

JODELET, D. (Org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

_____. *A fecundidade múltipla da obra “A Psicanálise, sua imagem e seu público”*. In.: Teoria das representações sociais: 50 anos. ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira, SANTOS, Maria de Fátima de Souza e TRINDADE, Zeidi Araujo (Org.). Brasília: Technopolitik. Co-edição: Centro Moscovici/ UnB. 2011.

JOVCHELOVITCH, S. *Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais*. In: GUARESCHI, P. A. & JOCVHELICTCH, S. Textos em Representações Sociais. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

LÉVI-STRAUSS, C. “Raça e História”. In. *Antropologia Estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, capítulo XVIII, p 328-366.

MOSCOVICI, S. Le domaine de la psychologie sociale. In: MOSCOVICI, S. *La psychologie sociale*. Paris: PUF, 1984.

_____. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 2012.

NOVIKOFF, C. *As Representações Sociais Acerca do Ensino Superior para professores de graduação na área da saúde*. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação), São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

_____. Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa. In: ROCHA, J.G. e NOVIKOFF, C. (Org.). *Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, p. 211-242, 2010.

PALMONARI, A.; CERRATO, J. Representações sociais e psicologia social. In: *Teoria das representações sociais: 50 anos*. ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira, SANTOS, Maria de Fátima de Souza e TRINDADE, Zeidi Araujo (Org.). Brasília: Technopolitik. Co-edição: Centro Moscovici/ UnB, 2011.

POMBO, O. Epistemologia da Interdisciplinaridade. In: PIMENTA, C. *Interdisciplinaridade, Humanismo, Universidade*. Campo das Letras, 2005.

SCOTT, W. R. *Institutions and organizations*. Thousand Oaks-CA: Sage, 2001.

SPINK, M. J. P. The Concept of Social Representations in Social Psychology. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.300-308, jul/sep, 1993.

Submetido em 22/4/2016, aprovado em 22/04/2017.